

Uma devastação

Explosão dos juros? Ciranda financeira? Especulação desenfreada?

Pois não é o que parece. De janeiro a maio, a poupança que abandonou o setor produtivo para buscar refúgio no setor especulativo entrou literalmente pela "tubulation" das perdas reais, sem choro nem vela. Para uma inflação acumulada de 128% nos cinco primeiros meses do ano os certificados bancários pós-fixados renderam 125%, abaixo da inflação. Os pré-fixados, coitados, amargaram apenas 66%, perdendo metade do valor real da aplicação. No famigerado "overnight" da vida, a especulação diária salvou 113%, também abaixo da inflação.

É quem apostou no ouro, reliquia bárbara? Perdeu as calças, com um retorno nominal de apenas 75%. E quem não arredou pé do refúgio predileto, o dólar velho de guerra? Será que deu para fazer a América no inesperado pipocar da moratória cambial? Pois o "black" atolou-se nos miseráveis 31%, com uma perda de 97 pontos percentuais.

Só escapou um

Único sobrevivente do naufrágio do Cruzado, no bote salva-vidas da correção monetária mais que plena: a estimada caderneta de poupança, com rendimento nominal de 146%, limpando um ganho real de 28 pontos percentuais. O saldo global das caderetas deve ter virado o mês com alguma coisa em torno de Cz\$ 860 bilhões, perto de US\$ 25 bilhões.

Pergunta indiscreta: para onde vai o dinheiro da cadereta, com seus formidáveis depósitos escriturais a cada virada de mês? Poupança cativa do programa habitacional, o recurso está em outro lugar. O crédito imobiliário saiu para o acostamento em novembro e a casa popular é financiada pelos ativos do Fundo de Garantia. O próprio BNH morreu e não foi avisado. E o Banco Central, que não é do ramo, prefere redistribuir os fundos da cadereta ociosa entre necessidades de caixa do setor público. O saneamento dos bancos estaduais, por exemplo.

Abaixo de zero

E quem aplicou dinheiro em bolsa, apostando no bom risco chamado Brasil? Quem entrou em 2 de janeiro e ainda não saiu está bloqueado no porão do fundo do poço. Os índices das bolsas do Rio e de São Paulo não se contentaram em zerar o crescimento nominal. Eles ficaram abaixo de zero: 9,9% no Rio e 17,1% em São Paulo.

Tradução: o preço médio das ações cotadas em bolsa foi o único preço da economia brasileira que não subiu nem

ficou congelado, simplesmente caiu em termos nominais e não apenas em termos reais. Um espanto.

Sinal vermelho

O compulsório arrependido continua brincando de recessão e desemprego. Com ele, numa cumplicidade indecorosa, a sobrecarga fiscal e o crediário curto, ralo e caro. Resultado: as vendas de carros novos no mercado interno, no mês de maio, afundaram-se ainda mais: apenas 36 mil unidades para uma demanda aparente, em condições normais, de 65 mil, quase o dobro. No acumulado de janeiro a maio, as vendas das montadoras registraram, sobre o mesmo período do ano passado, um desmonte de 42,5%. Agora, em junho, a coisa pode ficar acima de 50%.

Para o presidente da Anfavea, André Beer, a redução do compulsório no carro novo e a extinção do dito cujo no carro com mais de um ano de uso não estão conseguindo resgatar a demanda depenada pelos juros e escorraçada pelos impostos. Para a indústria automobilística (e respectivos fornecedores e distribuidores), o fundo do poço é mais em baixo: o mercado está ruim e vai piorar.

O erro tático

Os tecnocratas de gabinete, que confudem política econômica com intervenção fiscal ou gerência monetária, dispensam ao automóvel um tratamento preconceituoso e reacionário. Eles ainda não conseguem estabelecer distinção econômica entre a destinação do produto e a realização da respectiva produção. O automóvel pode ser um produto de consumo supérfluo ou de desfrute suntuário — mas sua fabricação, não. Direta e indiretamente, 22 milhões de brasileiros vivem do trabalho proporcionado pelo automóvel — do operário do aço plano ao corretor de seguros, passando pelo metalúrgico da fábrica, pelo mecânico da oficina, pelo petroleiro da gasolina ou pelo borracheiro da esquina.

O tratamento coercitivo dispensado ao automóvel é algo mais que uma injustiça fiscal, é uma burrice tributária: está se matando a galinha dos impostos de ouro, com perda real de receita agregada nos produto e nos serviços que se multiplicam na economia de escala das montadoras. No mundo inteiro, a carga fiscal é pequena no automóvel em nome de uma receita crescente nos negócios agitados pelo automóvel. O Brasil faz exatamente o contrário.

Um dos dois está redondamente enganado: o Brasil ou o mundo.